instituto de arte contemporânea

fiaminghi

17 JUNHO A 12 JUL. 61

A arte concreta brasileira, após dez anos de atividades, grupal e individualmente, afunilou seus objetivos: limita-se, hoje, quase que exclusivamente à produção de «idéias», de projetos visuais particulares (e não gerais, como o de Mondrian), sob a forma de pinturas, esculturas ou desenhos. Desapareceram os sintomas iniciais que pareciam prenunciar o fim ou a superação do «objeto de arte», em benefício de planejamentos formais e visuais mais amplos e ambiciosos, em outros setores — pròpriamente industriais. Pelo menos em teoria, o artista concreto entrevia grandes possibilidades no desenho industrial. De uns tempos a esta parte, voltou a pintar sôbre tela. A escultura permaneceu fiel aos seus materiais de origem — metais ou plásticos — trabalhados artesanalmente.

Que fim levou aquêles artistas, que, num primeiro momento, tentaram colocar-se com esperanças os problemas do desenho industrial? Dedicaram-se a projetar e executar jardins; a desenhar e estampar padrões de tecidos de consumo limitado; às artes gráficas, também em setores restritos, ainda que ligados à informação e à comunicação (marcas, folhetos etc); ao desenho e fabricação de móveis; a executar um que outro mural; a participar de concursos de cartazes e capas de catálogos; a alguma arquitetura, incluindo projeto de estandes promocionais em feiras e exposições; à mera publicidade comercial, sem maiores exigências formais; a projetos de arquiteturas e decorações dannunzianas (neo-concretos) — alguns tendo arranhado a fotografia e o cinema antes de se fixarem num métier «profissional», isto é, um meio-a-meio entre a arte e o ganho de vida. Bem entendido: paralelamente a essa atividade profissional, a maioria continuou a produzir arte-quadros, esculturas e desenhos. Para êles, existe um museu intermitente, que lhes dá a ilusão de serem atuais e atuantes: a Bienal A atividade «profissional» dêsses artistas se caracteriza pelo mesmo hibridismo lobisômico das técnicas produtivas de um país subdesenvolvido: meio-artesanais, meio industriais. E as suas obras de arte, idem. Claro que isto não invalida a qualidade de seus trabalhos — em geral, de bom nível — seja num campo, seja em outro.

O que se chama de «vida prática» está sendo impiedosa para com êsses artistas, hoje em franco processo de alienação involutiva, negando-lhes inclusive condições para pensar com coerência na terrível situação em que se encontram e para atuar com a rebelião que se impõe. «Salve-se quem puder» — e algumas das poucas idéias válidas e generosas do após-guerra vão sendo roídas pelo tempo ambiente com a mais tranqüila das angústias.

A capacidade criadora dos artistas concretos, hesitante entre um pragmatismo insuficiente, que não ousava dizer seu nome, e um suporte teórico esforçado e interessante, mas escasso e elaborado «à la diable», não soube beneficiar-se da informação correta no momento oportuno e se deixou levar de arrastão pela enxurrada tachista, a pretexto de aceitar-lhe o desafio e derrotá-lo em seu próprio campo — o chamado «informal».

Neste sentido, o êrro teórico inicial da defesa perigosamente intransigente da forma «geométrica» (da «estrutura», como então se dizia), quando já Max Bill — considerado pintor «fraco» — havia entrado plenamente na pesquisa dita informal (de 1949 em diante), perseguindo idéias teóricas que até agora não foram sequer abordadas pelos artistas concretos brasileiros (a das estruturas estocásticas, por exemplo) — êsse êrro, diziamos, ainda não terminou de exibir tôdas as suas danosas conseqüências, ainda mais que agora se tenta «adaptá-lo» aos «novos» rumos, à falta de melhor. A última delas é a que estamos assistindo: uma arte racional e objetiva que se pretende atingir por meios não só puramente artesanais, como quase que integralmente pragmatísticos. É levar longe demais a confiança no que já tive oportunidade de denominar de «contrôle sensível»...

O contrôle eletrônico não só não exclui, como exige o contrôle sensível. Um artista como Fiaminghi, que tem profunda tarimba de artes gráficas e está perfeitamente atualizado com suas técnicas mais modernas, sabe disso. Seus últimos trabalhos sôbre tela, formam uma série de aproximações ao problema da côr-luz, que apontam necessàriamente para um contrôle mais rigoroso de sua manipulação. As artes gráficas dispõem de vários recursos para êsse tipo de contrôle — e o seu caminho é um caminho natural para Hermelindo Fiaminghi, tendo em vista o devenir de sua arte. Esta arte-rumo de Fiaminghi deve ser acompanhada com tôda a atenção, porque vai permitir recolocar problemas errôneamente esquecidos ou sequer formulados, como os propostos pelo desenho industrial, as artes gráficas, a fotografia, o cinema e a televisão, propiciando soluções realmente novas — trabalho tanto mais urgente quando se observa a viciada e viciosa tendência da arte concreta brasileira a historicizar-se através de retrospectivas mambembes, porque não críticas.

Décio Pignatari
São Paulo, Maio de 1961

fiaminghi 17 JUNHO A 12 JUL. 61

Instituto de arte contemporânea

DADOS BIOGRÁFICOS

Hermelindo Fiaminghi

N. São Paulo, 1920. Liceu de Artes e Ofícios, 1936-40. Pintura e História da Arte c| Waldemar da Costa, 1940-52. Artes gráficas, 1936-48. Publicidade, desde 1948. Primeiras obras, 1939. Exposições: 1955 — III Bienal — MAM, São Paulo. Integra o Grupo Concreto de S. Paulo. IV Salão Paulista de Arte Moderna (grande medalha de prata). 1956 — Exposição Nacional de Arte Concreta MAM — S. Paulo. 1957 — Exposição Nacional de Arte Concreta Ministério da Educação — Rio. Menção honrosa no Concurso de Cartaz para a IV Bienal — São Paulo. Exposição «Arte Moderna no Brasil» — B. Aires, Rosário, Santiago Lima — organizado pelo MAM, do Rio de Janeiro; IV Bienal. 1958 — Membro da Comissão Organizadora do VII SPAM Membro do Conselho Diretor da Galeria de Arte das «Fôlhas». 1959 — Exposição «Artistas Brasileiros» — Munique («Haus der Kunst»), Paris, Lisboa, Bélgica, Holanda, Itália. 1959 — V Bienal. 1960 — IX Salão Paulista de Arte Moderna Exposição «Koncrete Kunst» — Helmhaus, Zurique — organizada por Max Bill.

TRABALHOS EXPOSTOS

1 Virtual n.o 4 40 x 50
Esmalte sôbre eucatex

2 Virtual n.o 1 70 x 50
Esmalte sôbre eucatex

3 Reticula-Luz 75 x 75
óleo sôbre tela

4 Reticula-Luz 75 x 75
óleo sôbre tela

5 Reticula-Luz 75 x 75
óleo sôbre tela

6 Seccionado 40 x 50
óleo sôbre tela

aremar
general osório, 1223
fones: 91000-2441
campinas

instituto de arte contemporânea
25781